

A ILHA SEM CAMINHO



Nasci na Ilha do Mel, em Vitória. Sou Capixaba, que é uma plantação de milho. Fui feita no Candomblé. *(Enquanto ela dizia isto, apareceram duas borboletas castanhas, pequenas, e puseram-se a voar mais ou menos no centro da sua cabeça. A cada palavra que ela acrescentava, vinha mais uma, e outra, e outra.)* O meu nome é igual ao do meu pai. Não tenho nome de mãe, nem tenho a certeza do dia em que nasci, mas acho que foi em Setembro. Ou foi isso, ou foi em Junho, ou em Março. Gostava muito de viver junto ao mar, mas não tenho transportes. Todos os dias subo o monte, às oito da manhã, e fico à espera que chegue um autocarro, mas nunca vem. Sou uma ilha sem caminho. Na verdade, acho que toda a gente vive numa ilha. Sempre o pude ver, mesmo depois de ter cataratas. As minhas cataratas são no olho direito. Estou à espera para ser operada. Até lá, vejo com o olho esquerdo.

Uma vez, li um livro da Teolinda Gersão onde existia uma personagem que vinha obrigada, muito nova, do Brasil para Portugal. Eu não vim obrigada, vim conhecer a família do meu pai. A personagem chamava-se Júlia, e só voltava ao Brasil depois de morrer. Nessa altura, atravessava o mar e podia ver o mar de uma maneira que ninguém vê, mesmo lá no fundo. *(Dizes que o caminho de volta para a ilha é a morte? Quando a interrompi, apareceram mais três borboletas, maiores do que as anteriores, de asas pretas, com manchas alaranjadas no centro e nas pontas.)* Não sei. Mas ela tinha - no livro - umas cartas que nunca chegavam ao destino, como a irmã Lúcia, que escrevia cartas que ninguém lia. Cartas sem caminho. Estas eram do Thomas Mann para o Freud, que nunca as recebia. *(Aqui fez uma pausa, como se recordasse qualquer coisa da infância, antes de continuar.)* Sabes, cada vez que volto a casa, a minha casa mudou. A minha cidade mudou. Mudou mais do que o céu muda num dia de Primavera. Desde que percebi que é assim, só acredito vendo. *(Mas tu vias o cão? Mais uma vez, uma borboleta, novamente uma grande e esplendorosa monarca, apareceu sobre o centro da sua cabeça e pareceu olhar-me com crescente irritação.)* Ora, eu via e não via o cão! É teatro, não é? Podem ver-se coisas que não estão. Imagina, fazer estendais de roupa nas velas de um barco imaginário, limpar a ferrugem que apareceu na minha voz. No teatro pode até falar-se sem palavras. O cão chamava-se Ferrugem e, isso talvez seja o mais importante, o Orlando, que era o meu amigo, tinha de fazê-lo afastar-se de uma cadela, por quem se tinha apaixonado, chamada Laika. Mas o meu amigo era muito manso, não gritava como deve ser. Tinha de ensinar-lhe a gritar. Ele era como o Orlando do romance da Virginia Woolf, vivia para sempre. Está todos os dias comigo, sabes? Morreu três dias antes da peste começar, desde o dia em que nunca mais pudemos fazer teatro. Lembras-te? *(Eu sorri para dentro da máscara. Lembrava-me bem. A única coisa que tinha esquecido eram as borboletas.)* Faz mais de um ano, não faz? 13 de Março. Foi numa sexta-feira. Muitas pessoas ficaram pelo caminho. No início da peste, não conseguia sair de casa, nem com um pé. Todos os dias desmaiava e ninguém sabia explicar porquê. Só Iemanjá soube explicar. Por isso, agora quero viver junto ao mar, mas não tenho transportes, como te disse. Podíamos fazer lá uma escola de teatro, e eu poderia fazer de marroquina, ou vender a Torre de Belém, ou o Mosteiro dos Jerónimos, o meu amigo poderia voltar, e nós poderíamos dar abraços até desmaiar de euforia. Só não me peças é para fazer de polícia, que isso não faço.

Judite Canha Fernandes com Graça, Raquel e Zeferino.
Ilustração de Pierre Pratt.